

Na linha quebrada da nossa época...

NOTA SOBRE UM CERTO CEPTICISMO

por UMBERTO DINIZ

Na linha quebrada da nossa época...

1

BERGSON, Gabriel Marcel, Kierkegaard, Chestov, Husserl e Hartmann são os filósofos preferidos das *élites* intelectuais. Porquê?

Loti, Ferrère, Bourget, Maurois, Valéry, Duhamel, Jules Romains e Géraudy, são os escritores preferidos das *élites* mundanas. Porquê?

Falta de «vertebralidade mental»—dirá o Sr. António Sérgio!... Mas, a verdade é que a explicação há-de ser menos superficial, embora bastante mais incómoda para alguns. Há-de ser uma explicação dada pelo novo método, que não pára na consciência dos indivíduos, mas desce a estudar a vida social que a determina. As *élites* intelectuais estimam Bergson por falta de «disciplina intelectual». Admitamo-lo. Mas, porque lhes falta disciplina intelectual? Os meios mundanos admiram Duhamel e Mauriac porque propendem para o morbidez romântico. Admitamo-lo. Mas, porque propendem para o morbidez romântico? Uma explicação aceitável destes factos tem de procurar-se nas condições sociais concretas dos meios intelectuais e dos meios mundanos. Há duas espécies de homens: os que adquirem e não trabalham e os que trabalham e não adquirem. As *élites* são educadas, mantidas e controladas pelos primeiros, contra os segundos. A literatura e a filosofia que elas preferem é uma literatura e uma filosofia que serve inconscientemente os seus interesses.

2

A crítica das místicas tira ao homem as suas ilusões, para que ele pense, actue e fabrique a sua própria realidade como um homem que perdeu as suas ilusões e atingiu a idade da razão.

O homem passará assim a mover-se à volta de si próprio e à volta do seu sol real. As místicas são um sol ilusório que se move à volta do homem quando este deixa de se mover à volta de si próprio.

3

A missão da história, depois do desaparecimento da verdade—além, é a de estabelecer a verdade-de-cá.

O estado de consciência a que nos referimos nesta Nota está, em forma tósca e embrionária, espalhado em grandes sectores da população. Ex.: «Ora, são todos o mesmo!»—frase que exprime uma reacção ingénua face à corrente misticizadora (vide «La Conscience Mystifiée» de Guerman e Lefebvre).

Raros serão aqueles de nós que não conheçam o tipo do céptico, do homem que olha por cima do ombro e se ri da nossa vontade construtora.

O dito céptico é uma pessoa experimentada, 30-40 anos, que sabe muito bem o que é a vida e o que são os homens. Na maior parte dos casos também já esteve na liça—oh!, os verdores da mocidade...—dele se afastou desiludido, e hoje goza o espectáculo cá bem longe e safo.

A sua desilusão? Mas nada mais fácil de compreender! Ele viera até ao meio do povo laborioso, trazido pela sedução de leituras sófregas, sementeas de deslumbramentos intelectuais.

Chegou: em redor, trabalhadores de mãos gretadas e calosas, todos eles desageitados; mulheres de trabalho que cedo pendem o viço e se mirram triste, apagadamente; miúdos impossíveis de nojentos e mal-criados; as casas em que habitam são vélhas, sujas e úmi-

das; os palavrões são correntes, os homens embebedam-se e batem nas mulheres.

Tudo o que seus olhos veem é assim—feio, chocante.

Aos seus brados de entusiasmo, a grande massa responde com a indiferença, e ele descobre, estupefacto, que ela é analfabeta e inculta.

O seu temperamento delicado fere-se nas asperezas do contacto com semelhante ambiente, e ele sente a realidade hostil (assim lhe parecia) adensar-se em volta, e ferir-lo com mil picadas de alfinetes invisíveis.

Tanta incompreensão mago-a-o; a falta de beleza que em tudo aquilo havia surpreendeu-o e desgostou-o.

Onde estava a imagem dum belo corpo de trabalhador erguendo ao alto os braços fortes? Onde estava a fraternidade em alegrias e tristezas, o impulso audaz e comum? Onde, que os não encontrava mais do que em seus sonhos agitados?

Por esta altura, o nosso homem reflectiu. Reflectiu, e achou que mal andara em se desviar do caminho largo e plano que lhe oferecia a família solidamente estabelecida.

Pois quê? Andara por atalhos difíceis, esfolando a carne, moendo a paciência, perdendo o tempo? Pois quê? Ele, o sr. Qualquer Coisa, de considerada e pacatíssima estirpe, com um pai comerciante e meticuloso, deixara-se assim levar por miragens?

Dêsse dia em diante, o sr. Qualquer Coisa, de consideradas e pacatíssimas famílias, passou a ser um céptico. Sim, porque ele—a-pesar-de o haver tentado—não podia levar a sério aquela vida estagnada, sem horizontes, e sem asas que se abrem para galgar imensidades, aquela vida que ia ser a sua doravante.

Não fóra em vão que passara o olhar por paisagens limitadas. Não fóra em vão que seus pés haviam pisado mil caminhos do mundo.

Ele bem podia querer esquecer-se; a memória daquela vida fixara-se tenazmente, e não desalojava com maus modos ou com ingénuas tentativas.

E o sr. Qualquer Coisa que renegara a acção e não podia integrar-se na nova vida (?), ficou sem um ponto de apoio, e pretendeu tirar daí a sua força e o seu orgulho. Cultivou este cepticismo—séc. XX com satisfação, cuidado e amor—paternalmente.

Passou a olhar de alto, como colosso que sente em baixo a multidão agitada por estranhas, estúpidas correntes.

Achou-se guindado a alturas pasmosas, donde vê o sublime e grotesco espectáculo das massas arrastadas para fóra do seu caminho habitual, batendo-se.

Tudo o que pode observar, serve de alimento ao seu devorador e insaciável cepticismo. Ao princípio, dá mesmo a impressão de querer atulhar-se de factos justificativos da sua nova atitude.

Assim, os desvios que se fazem, porque o estômago reclama, são recebidas com gáudio. As deserções, aplaude-as como provas da falência dum concepção. Em face da capa *imaculada* que a Idea (misticizadora) lança sobre a Cloaca, o céptico sente uma admiração profunda pela própria inteligência. E' ela, com efeito, que impede que o sr. Qualquer Coisa caia nos erros grosseiros da Humanidade que anda cá por baixo e se deita com dores nos rins e no peito—acreditando na ideologia dominante.

Esta visão nítida da realidade, esta possibilidade de ver para ambos os lados embriaga-o e dá-lhe ares de semi-Deus olímpico e desdenhoso.

Os forçados inspiram-lhe presentemente, quando muito, um sentimento de piedade, temperado de discreta ironia.

Ao olhar para o outro lado, quando vê a sua família feliz na ignorância, atrevida na impotência, sem finalidades e sem elevação, o cepticismo permanece, e o sorriso que lhe vinca os lábios é de puro desfrute.

O sr. Qualquer Coisa julga-se sentado no beiral de uma casa, olhando a rua, onde se afrontam os representantes de dois conceitos de vida.

Ele não acredita em nenhum. Parece-lhe que o olhar vê cá em baixo, e a igual distância, as duas hostes. O sr. Qualquer Coisa não repara que está inclinado para uma, não repara que fez uma escolha, não repara que o cepticismo desaparece em ocasiões muito bem escolhidas.

Quando aderiu à estirpe—com todas as restrições e todos os limites que queira—o nosso céptico escolheu um caminho, adoptou uma directriz definida, e completamente oposta à que norteava até então a sua vida.

O sr. Qualquer Coisa come, dorme, sorri e dirige a casa comercial do pai que já morreu. Tem as suas ordens de dezenas de empregados está em definitivo bem instalado. Como se vê, pode permitir-se o luxo do cepticismo—passatempo e disfarce.

Mas o hortelão que forneceu as couves para o seu almoço; o pequeno proprietário que se desfez (tristemente) da vaca donde se tirou o bife; a criada que lhe arruma o quarto e às vezes lá dorme; a costureira mal-paga que talhou a sua camisa impecável; as dezenas de empregados às suas ordens—esses, não podem ser cépticos, que a vida não o deixa. As realidades estão ali, à sua beira, a dominá-los, a perseguir-los.

As realidades articulam-se num sistema, e atrás dêste encontram-se os interesses. Eles sabem vagamente que existe solução para os conflitos e as dores que os afligem.

Por isso, não são cépticos, como o sr. Qualquer Coisa, em definitivo bem instalado.

Este particular cepticismo (particular, porque se refere unicamente a um sector da Realidade) teve, pois, um mal-entendido na origem, e uma mistificação a assinalar a chegada.

Se ele tivesse vindo para a vida sem os vícios que a sua origem lhe metera na massa do sangue; se ele houvesse podido corrigir a imaginação, a ciência livresca, com lições oportunas e esclarecedoras de vida—teria compreendido que ela é assim mesmo, triste, feia, desengamadora. Teria compreendido que devemos erguer a

(Continua na página vinte e trez)

4

A filosofia deve estar ao serviço da história. E a sua missão, depois de ter desmascarado a própria alienação do homem por si próprio sob a sua forma miraculosa, consiste antes de tudo em a desmascarar sob as suas formas não miraculosas. A crítica de lá transforma-se assim em crítica de cá, a crítica das místicas em crítica do direito, e a crítica da teologia em crítica política.

5

COMO as místicas são *felicidades ilusórias*, é uma exigência da verdadeira felicidade, exterminá-las.

6

A necessidade de renunciarees às ilusões sobre o teu próprio estado é, por outras palavras, a exigência de renunciarees a um estado que tem necessidade de ilusões. Por isso a crítica das místicas é o germen da crítica da auréola que se tem chamado vale de lágrimas.

7

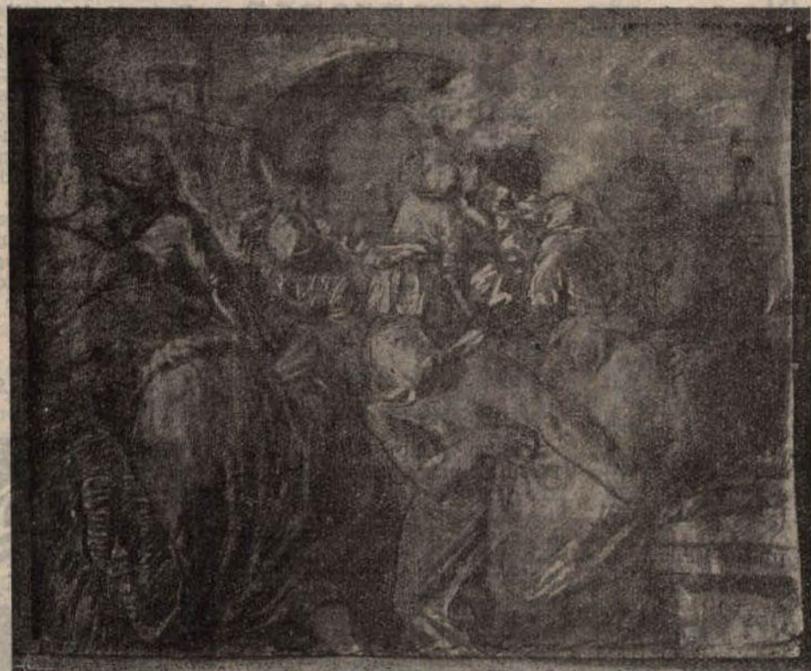
A crítica esmaga as flores imaginárias que cobrem as correntes, não para que o homem passe a trazer correntes sem sonhos e consolações, mas para que ele as regente e colha a filar viva.

8

AS místicas, justificaram a escravatura na Antiguidade, glorificaram a servidão na Idade Média e defendem a actual mistificação.

9

AS místicas, colocam num além a regulamentação de todas as injustiças que se sofrem cá. Justificam assim a sua duração.



No túnel da Alfândega—carvão de Abel Salazar



CENA NO CAIS—carvão de Abel Salazar

doze

sol nascente

sol nascente

treze